

## Entre Monfortinho e Castelo Branco: sítios arqueológicos romanos ao longo de um projecto rodoviário (IC31)

*Maria Pilar Reis\**

### Resumo:

O projecto rodoviário para a futura estrada entre Monfortinho (conexão com a Autovía EX-A1) e Castelo Branco (A23), com uma extensão aproximada de 63 km, exigiu a realização de um Estudo de Impacte Ambiental que permitiu conhecer um grande número de sítios arqueológicos, muitos deles inéditos. Os trabalhos de prospecção resultaram num conhecimento mais aprofundado do número de sítios romanos desta região beirã.

### Abstract:

The future road project between Monfortinho (connection to the EX-A1 highway) and Castelo Branco (highway A23) with a length of approximately 63 km, led the implementation of EIA result in yielded information of a large number of settlements, many of them unpublished. The archaeological field survey had important results for the knowledge of Roman settlements in the region.

\* Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

Os interessantes resultados obtidos durante a realização do capítulo dedicado ao património num EIA (Estudo de Impacte Ambiental) foram o mote para o presente artigo, sendo singelo o nosso objectivo, pois apenas propomos divulgar a localização de um interessante conjunto de sítios arqueológicos de época romana situados ao longo de uma faixa que se tem demonstrado de impar riqueza patrimonial.

O projecto rodoviário em questão, que se encontra actualmente suspenso, supomos, por tempo indefinido, surgiu como resposta ao desejo em melhorar as acessibilidades entre a faixa do interior do país e a fronteira com Espanha<sup>1</sup>, propondo uma ligação que uniria a cidade portuguesa de Castelo Branco com a estremenha Cória e, por conseguinte, à Autovía del Norte de Extremadura (EX-A1).

A realização deste EIA exigiu a inventariação exaustiva do património arqueológico conhecido num corredor desenhado pelas alternativas rodoviárias. A sua realocação no terreno foi acompanhada de uma prospecção selectiva de todos os tramos que por indicação toponímica, geográfica, ou mesmo intuitiva eram passíveis de fornecerem novos dados sobre o património arqueológico desta região, tendo optado pela prospecção sistemática de vastas áreas que ao nosso ver eram de grande sensibilidade arqueológica. Foi neste contexto que localizamos um conjunto de sítios inéditos, deixando aqui constância daqueles atribuíveis ao período romano.

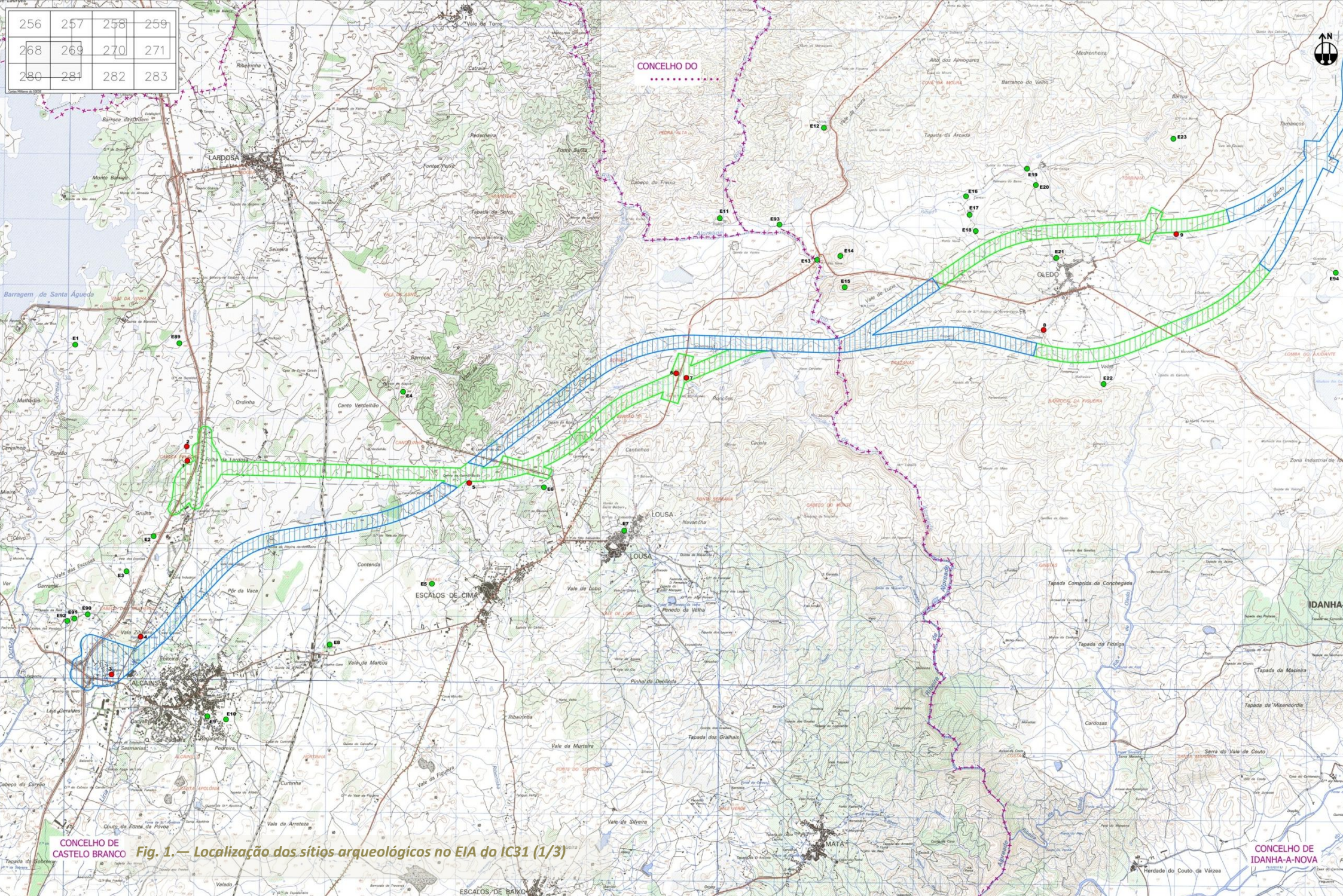
1. O projecto apresentou sete soluções de traçado, sendo que a Solução 1 se propôs em três alternativas, para além do projecto base, e a Solução 5 também desdobrada numa segunda alternativa. A extensão do projecto é de 56 + 461 km iniciando o seu percurso na A23, em Alcains, e finalizando nas Termas de Monfortinho, na ponte sobre o Rio Erges. A cartografia apresentada sob as figuras 1, 2 e 3 corresponde à cartografia final do projecto da qual retiramos os traçados propostos e toda a informação que não a estritamente patrimonial. Este EIA foi antecedido por um outro, realizado em 2001, e também sob a minha responsabilidade. Nas alternativas do projecto avaliado no EIA realizado em 2009, e no qual se baseia este artigo, já foram reflectidos muitos dos achados inéditos e de relevante valor arqueológico identificados em, optando o Estado Português pela alteração dos traçados propostos, e assim a salvaguarda desses mesmos locais. Toda a informação que aqui publicamos reflecte o conhecimento que tínhamos em 2009 e não fizemos qualquer alteração, ou actualização aos conteúdos, salvo nas epígrafes encontradas na Capela de São Domingos em Alcains

Como se pode comprovar pelos mapas anexos (Figs. 1, 2 e 3) e respectivas tabelas (Apêndices 1 e 2), georreferenciamos 122 sítios, dos quais 69 deverão remontar ao período romano, ainda que a cronologia por nós atribuída a muitos deles apenas se baseie no espólio observado à superfície do terreno. O corredor que estudamos é, como corrobora a densidade de pontos assinalada, uma área de elevada riqueza patrimonial, o que dificultou, sem dúvida, qualquer tentativa para esboçar uma síntese histórica, para além da óbvia circunstância deste corredor estudado, atravessando a campina raiana até ao vale do Erges, não formar uma unidade geográfica ou histórica coerente, mas sim uma faixa escolhida no séc. XX para o seu atravessamento por futuras vias de comunicação.

Cingindo-nos ao enquadramento cronológico que determinamos para o presente artigo, pouco podemos dizer sobre as estratégias de povoamento desta zona raiana durante a Idade do Ferro. Algures entre o séc. VII e VI aC. houve uma clara transformação do esquema de povoamento e um abandono de alguns povoados anteriores. Desconhece-se como se fez a transição entre os finais da Idade do Ferro e o período romano, Republicano, pelo menos, como se reflectiu essa mudança de poder no terreno. Propomos sempre, nestes contextos tão vagos, que essa adaptação e assimilação da nova política vigente foi gradual, mas provavelmente a realidade não foi tão complacente com quem já habitava este território. Para construir este capítulo da história atinente a tão recuado momento da ocupação romana desta região, contamos com escassas referências arqueológicas e poucos contextos cientificamente estudados. Supomos que a larga maioria dos sítios de que aqui falaremos são já pertencentes a um momento de plena romanização e em nada nos pudemos apoiar para justificar uma maior precisão que a classificação de “romano”.

Sobressai neste estudo, sobre o qual nunca devemos esquecer a arbitrariedade geográfica, o grande número de estações de época romana, o que encontra uma primeira justificação na existência de uma *civitas*: Egitânia (E51), actual Idanha-a-Velha e de uma via que uniria toda esta região com a capital da província,



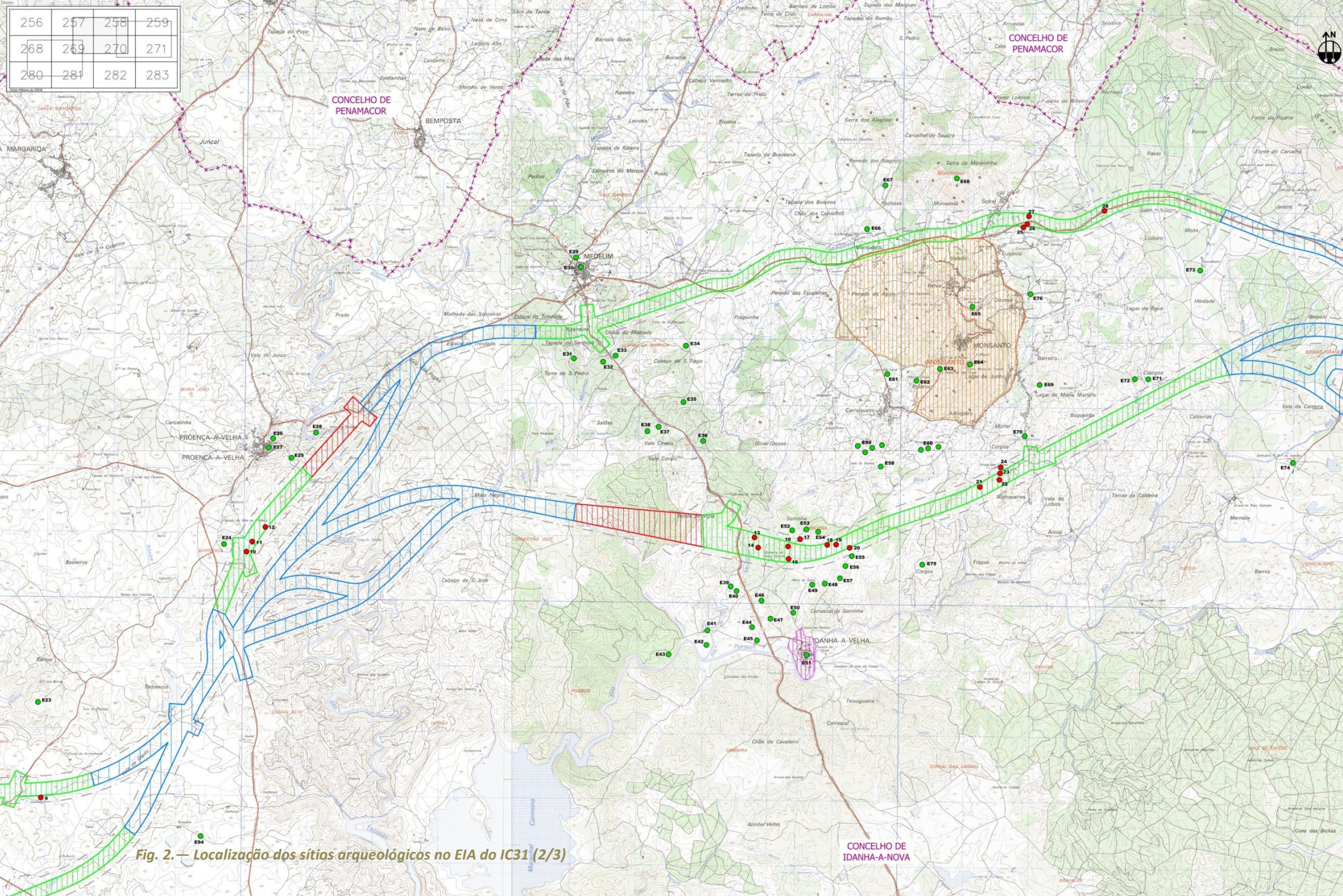




*Augusta Emerita*. É, todavia, sintomática a alteração do paradigma de ocupação do território: cidades de pequenas dimensões, ao redor das quais se desenvolveu um povoamento, aqui umbilicalmente unido à exploração dos recursos agrícolas, emolduradas por um povoamento disperso, mas que ao longo das principais vias de acesso se aglutinaria nas *villae*, estruturas rurais latifundiárias que geriam o espaço agrícola num sistema tripartido, com terrenos dedicados à exploração agrícola, ao pastoreio e à exploração dos meios naturais – como seriam exemplo todos os recursos obtidos nos cerrados bosques (lenha, caça, cortiça, etc.) que caracterizavam esta região. Admitamos que algumas delas poderão ter adoptado alguma especialização agrícola, na oleicultura talvez ou na pecuária. Provavelmente é a alguns desses edifícios dedicados à diversificada actividade que nelas ocorria que pertenceram algumas das estações arqueológicas por nós catalogadas. As *villae* mais imponentes são sem dúvida a *villa* dos Barros, em Oledo (E23), e a *villa* de São Lourenço, em Monsanto (E66). Identificamos uma possível *villa* inédita em Sebes, a norte de Oledo (E18), a escassos 3 km de Barros. A análise da fotografia satélite, que então fizemos, permitiu verificar a possível localização da pars urbana da *villa*. Através desse suporte era visível uma ampla estrutura, com uma sala central absidada situada a escassos 150 m da área prospectada.

Um padrão de povoamento divergente ao tradicionalmente associado ao esquema latifundiário romano é-nos cada vez mais claramente demonstrado pela existência de sítios “satélite” seja em relação às *villae*, seja em relação às *civitas*. Os locais prospectados na região meridional da Ribeira do Rio de Moinhos (locais 13 a 20 e E52 a E57) representam um novo desafio interpretativo sobre a ocupação do limite exterior da cidade, mas também da especialização da produção agrícola, questão polémica e amplamente debatida quando se reflexiona sobre a teoria de gestão pré-industrial da produção em época imperial. Os numerosos lagares escavados na rocha inventariados entre Bigorna, elevação predominante no caminho entre Idanha-a-Velha e o Carroqueiro, e o sopé de Monsanto, constituem uma realidade ainda pouco estu-





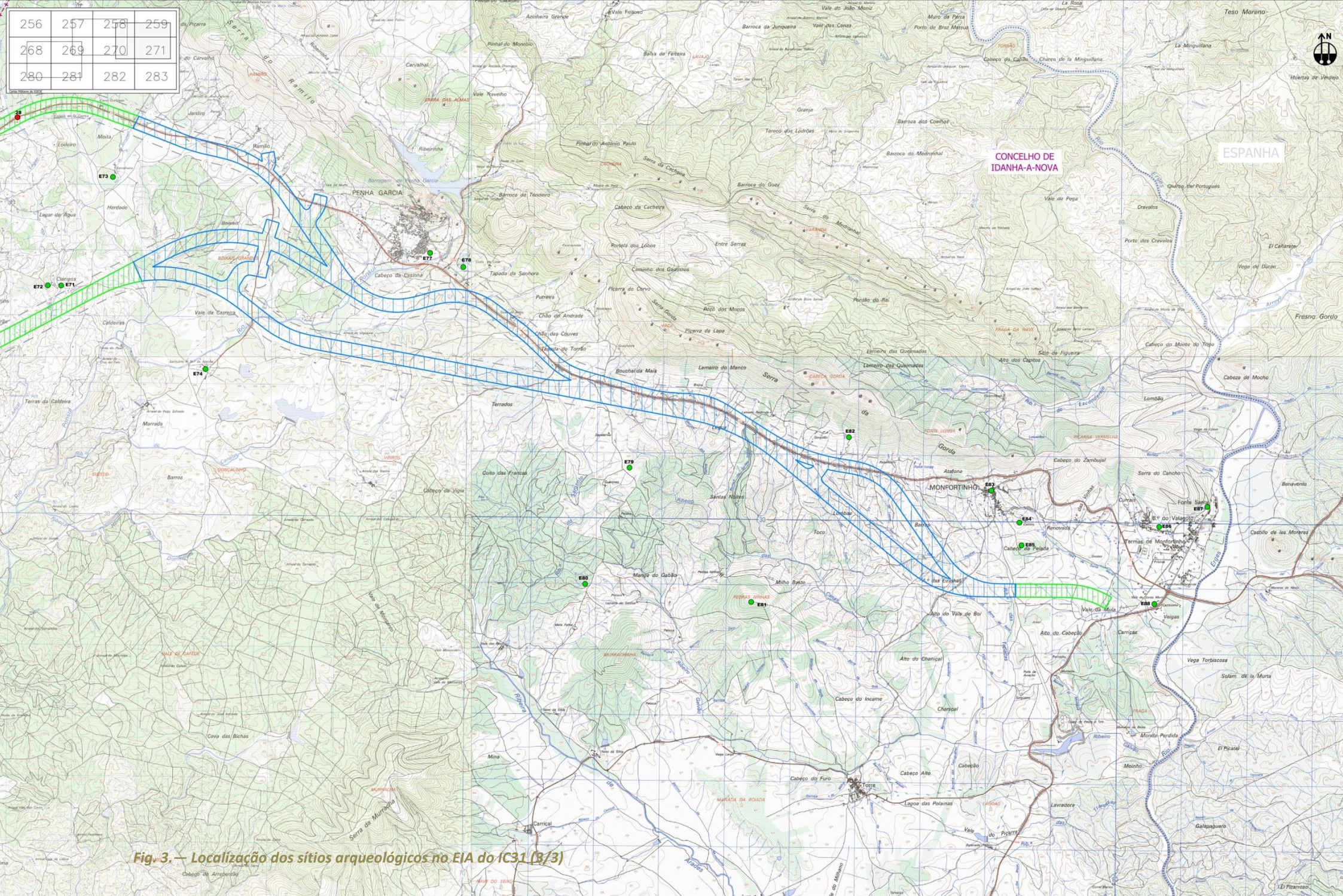


dada. Os 54 lagares publicados (Henriques *et al.* 2008) não correspondem, como sublinharam os autores desse importante trabalho, a uma inventariação exaustiva, pelo que o seu número se verá rapidamente aumentado se um detalhado trabalho se fizesse, até porque exclui destes 54 os cerca de 20 conhecidos, e inventariados, no limite norte da freguesia de Idanha-a-Velha. Um dos problemas de base em relação a estes lagares é precisamente a sua cronologia (Almeida *et al.* 1999; Tente 2007), mas, ao contrário do que acontece naqueles inventariados na vertente noroeste da Serra da Estrela, os de Monsanto, e de Idanha, estão invariavelmente associados a manchas de ocupação romana. Não esqueçamos que do outro lado da fronteira, junto a Cáceres, ocorreu um fenómeno em todo semelhante (Gil 1987) e que deverá ser equacionado como paralelo num futuro trabalho de estudo. Será certamente uma tentação para a investigação cruzar estes dados com os resultantes dos cada vez mais completos estudos cerâmicos da região, principalmente aqueles que dizem respeito aos contentores de vinho e azeite, e a sua substituição, ou não, por outros de produção local (Banha 2006).

Um outro elemento importante na economia raiana durante a antiguidade terá sido a mineração. Os trabalhos de investigação sobre este tema (Sánchez-Palencia 2005; Rodrigues *et al.* 2008) sugerem uma realidade mais activa do que inicialmente se supunha. A comprovada existência de explorações mineiras, de maior ou menor envergadura, na envolvente de Idanha, bem como no Rio Ponsul e Erges, não foi um factor estranho à ocupação intensiva do espaço. De facto, a existência de uma mina no Carrascal da Serrinha (E49) e de uma barragem em Torreão 1 (E40), que na opinião de alguns autores não respondia a uma reserva de água para fins agrícolas, mas sim associada à exploração mineira, são exemplos a considerar na difícil trama de realidades documentadas.

Outro factor a ser sublinhado nesta nossa vista de pássaro sobre esta região é como também aqui, em local tão remoto do império, a máquina económica imperial funcionou graças à construção de eixos viários, que permitiam as







transacções e o afluir das populações, construindo, organizando e certamente melhorando vias já existentes. A rede de vias romanas obedecia, como ainda hoje, a uma hierarquia, existindo vias principais que ligavam as *civitas*, mas por sua vez entrelaçadas por um sem número de vias secundárias, e caminhos de “pé posto”. Uma dessas vias foi identificada por Joaquim Baptista (Baptista 1998) como o eixo que ligava Idanha-a-Velha a Monsanto, conservando um troço na zona do marco geodésico da Bigorna. A prospecção não confirmou esta informação. Aliás, o traçado proposto por Joaquim Baptista, com uma curva bastante vincada no contorno da elevação da Bigorna, apresenta-se pouco usual nas técnicas de posicionamento dos traçados de época romana. Não muito longe, no Vale da Portela (E58), foi encontrado parte de um marco miliário, bastante deteriorado, não permitindo a leitura das milhas que marcava (Carvalho 1989). Todavia não se pode confirmar se a sua localização correspondia à passagem da antiga via. Sem estudos mais aprofundados sobre esta questão, e sem a utilização sistemática de novas tecnologias para o rastreio de antigos eixos viários, não é possível estabelecer, com maior rigor, os traçados antigos. A suposta via a que nos referimos foi entre 2001 e 2008 totalmente alcatroada e serve hoje como alternativa de ligação entre Carroqueiro e Idanha-a-Velha.

### A TOPONÍMIA DOCUMENTADA

O estudo da toponímia é um dos métodos amplamente utilizados para caracterizar a paisagem. Considerada a “epigrafia do solo”, como lhe chamou Raymond Chevallier, traduz uma caracterização do espaço e serve, ou serviu em muitos dos casos, como descritor de um determinado espaço ou unidade territorial. Todavia, o seu estudo é uma disciplina complexa que exige sobretudo um profundo conhecimento da filologia a par de uma grande interdisciplinaridade na sua análise, porque a natureza dos nomes é tão variada quanto o vocabulário, reflectindo em muitos dos exemplos singularidades locais, ou regionais. Um



outro factor a considerar na análise toponímica é também a sua mutação ao longo dos tempos, seja a sua deslocalização no terreno, seja a sua readaptação à evolução linguística independentemente do seu carácter erudito ou popular.

Por norma, e no âmbito da arqueologia da paisagem, consideram-se os topónimos como interessantes testemunhos do passado que podem indiciar a presença de determinado tipo de património; contudo, a maioria das aproximações a esta disciplina é realizada de forma excessivamente simplista e com recurso, quase exclusivamente, ao dicionário etimológico da língua portuguesa, o que é manifestamente insuficiente para realizar este tipo de análise da paisagem. Infelizmente contamos em Portugal com poucos estudos desta natureza aos quais recorrer, e alguns dos artigos, ou mesmo capítulos existentes em monografias locais, são, na sua larga maioria, trabalhos muito sintéticos. Uma das dificuldades que sentimos quando nos propomos realizar a análise toponímica de uma área é a recolha dos microtopónimos, ausentes na cartografia publicada. Essa dificuldade é acrescida pelo despovoamento dos campos e a ausência quase total de pessoas nos meios rurais, o que limita, para não dizer anula, a possibilidade de recolha da informação de carácter oral nas áreas de prospecção. Neste estudo, a simples anotação da toponímia presente na cartografia 1: 25.000 permitiu-nos identificar alguns elementos importantes. No percurso ocidental do traçado, próximo de Alcains, os topónimos que recolhemos reflectem uma caracterização geográfica, Cabeça Pelada, Cabeço das Mulheres, Vale das Casas e apenas um hagiotoponímo, São Domingos. Mandanhas, que corresponde a um sítio arqueológico inédito (nº 6 e 7) é um topónimo que não constava no Repertório Toponímico de Portugal de 1967.

Já no concelho de Idanha, e exclusivamente na área em estudo, uma grande percentagem dos topónimos reflectem as actividades agrícolas desenvolvidas, como são exemplos: Malhadais, Manzana, Chafurdo, presentes na freguesia de Oledo, sendo que Fontanheira é um hidrotopónimo e Pisão estará certamente relacionado com um lagar. Nesta mesma área documentamos dois hagioto-



pónimos, Santa Catarina e a Quinta de Santo António. Outros topónimos como Sebe, que corresponde a uma *villa* romana inédita, foram também registados. Já na freguesia de Proença-a-Velha, registamos Tamancos, Cabeça do Homem, com algum interesse os topónimos Muros, Seixo, Pisão que novamente se relacionaram com um lagar, e Ribeiro dos Mouros. Em Medelim sublinhamos os topónimos Fonte de Triana, e mais uma vez os compostos remetendo a estruturas relacionadas com as actividades agrícolas, como Chão da Malhada, Curral da Barriga. São de mencionar os dois hagiopónimos Cabeço de São Tiago e Terra de São Pedro, e um curioso topónimo, Salões, que poderá estar associado a um sítio arqueológico de época romana. Ainda em Medelim, o Penedo das Escaleiras, que para além do evidente valor descritivo denota a influência castelhana tão habitual nesta zona raiana. Na freguesia de Idanha-a-Velha, e cingindo-nos ao espaço em estudo, o topónimo Bigorna surge associado a um lagar, provavelmente tardo romano. Na freguesia de Monsanto destacam-se um conjunto de topónimos relacionados com lagares, com grande predominância na vertente meridional da freguesia e que corresponde, no terreno, às numerosas lagaretas e lagares escavados nos afloramentos graníticos como são exemplo o Lagar de Maria Martins ou o Penedo das Vinhas. São de mencionar os topónimos associados com Corgos, como Arraial dos Corgos, que significa na região beirã um caminho estreito, apertado, por norma situado entre montes. Curiosamente, os topónimos associados à existência de velhos caminhos continuam nesta mesma área com Vale da Carreira, a Norte da Sr<sup>a</sup> da Azenha, e Carro Quebrado, mais a Norte. Já na freguesia de Penha Garcia vamos reencontrar mais topónimos associados a um eixo viário, que supomos encontrará a sua matriz numa via romana, como são Legoa e Lomba, o primeiro talvez associado a um marco miliário mas do qual não existe qualquer notícia. Destacar que na área mais próxima a Monfortinho recolheram-se alguns topónimos associados à existência de fontes, como Gorgolão, que significa repuxo, Golfada, Rebentão e Fonte Longa.



## OS SÍTIOS DE CRONOLOGIA ROMANA

### *Cabeça Pelada 2*

**Coord.:** **Coord.:** Lat. 39° 57' 00" N; Long. 7° 27' 32" O; Alt. 377 m; (Fig. 1, E-1).

**Tipologia:** Habitat.

**Descrição do sítio:** São referenciados numerosos achados provenientes deste local: pesos de tear, fragmentos de *tegulae*, vestígios de um forno cerâmico identificado a escassos metros deste ponto, e um fragmento de inscrição à divindade indígena *Reve Langanidaeco*. Esta inscrição, actualmente depositada no Museu Tavares Proença Júnior (Castelo Branco), foi recolhida em 1977 e a sua sucessiva publicação tem suscitado diferentes abordagens interpretativas. No pequeno fragmento que se conserva é possível ler [...] /REVE / LANGANID(aeco) / V(otum) S(olvit) L(ibens), traduzido por “cumpriu de bom grado o voto feito a Reve Langanidaeco”. A prospecção da envolvente do cabeço, realizada em 2009, demonstrou a existência de alguns fragmentos de *tegulae* e de cerâmica de armazenamento de período romano. Porém, a pouca expressividade da amostragem registada no terreno sugeriu que o local, descrito na bibliografia, foi sucessivamente destruído pelas lavras do terreno. Sobre este local são de salientar dois aspectos adicionais: por um lado a existência nas proximidades dos vestígios de uma barragem romana situada em Tiracalça<sup>2</sup> (Fig. 1, E1) a escassos 800 m do topo do cabeço e que aproveitaria o caudal do Ribeiro das Tapadas, afluente do Rio Ocreza (InfArq. 1979: 15), por outro, um achado recente que apesar de ter ocorrido um ano antes deste estudo, só dele tivemos conhecimento em momento posterior<sup>3</sup>. A escassos 3 km a sul, surgiram reaproveitadas como bases de altar numa capela do séc. XVII (Fig. 1, nº 4) duas aras com interessantíssimos textos que testemunham, novamente, o culto de divindades indígenas, aqui ambas dedicadas a Asídia, teónimo novo no já longo repertório beirão (Assunção *et al.* 2009: 177-189). Não será fruto do acaso que ambas as inscrições, dedicadas à mesma divindade, surjam reaproveitadas no mesmo local e

2. Lat. 39° 57' 04" N; Long. 7° 28' 30" O.

3. Os achados epigráficos a que nos referimos decorreram durante as obras de reabilitação da Capela de S. Domingos durante o mês de Junho de 2008, foram publicados em 2010 na Revista Portuguesa de Arqueologia (Assunção *et al.* 2009: 177-189). Apesar de termos oficialmente contactado todas as entidades locais e nacionais responsáveis pela gestão patrimonial, não obtivemos esta informação antes de encerrarmos o EIA, sobre a qual soube-mos primeiramente através de um artigo na imprensa local.

corresponderá, porventura, ao mais forte indício de que não muito distante desta capela se situou um templo, talvez rural, e com o qual se possa relacionar o já longo rol, ainda que pouco concreto, de importantes achados de época romana provenientes da envolvente de Alcains.

**Bibliografia:** Roque 1975: 65; Salvado 1980: 129; Garcia 1984: 69; Alarcão 1988: 74; Garcia 1991: 187.

### *Quinta das Mandanhas 1 e 2*

**Coord.:** Lat. 39° 57' 34'' N; Long. 7° 22' 13'' O; Alt. 308 m; (Fig. 1, nº 6 e 7).

**Tipologia:** *Villa* (?)

**Descrição do sítio:** No topo duma suave elevação, cortada pela EN 233, e delimitada a Sul pela Ribeira do Cabeço encontra-se uma vasta área de dispersão de fragmentos de cerâmica de construção de cronologia romana, entre eles *tegulae*, tijolos e *imbrices*. No topo da elevação são visíveis indícios de uma estrutura, da qual se reconhecem alguns alinhamentos. Sendo uma zona de montado não apresenta lavras profundas o que deve ter permitido a conservação das fundações da estrutura. Esta área de dispersão de materiais está obviamente relacionada com uma segunda área identificada a oriente da Estrada Nacional (Fig. 1, nº 7) e formaria parte do mesmo conjunto habitacional, actualmente separado pela estrada. A linha de água que corre a Norte deste local, bem como a Ribeira do Cabeço situada a Sul deste ponto, arrastaram materiais de cronologia romana até uma pequena albufeira (barroca), na qual foi encontrado um fragmento de fundo de uma *sigillata* clara D e um silhar esculpido que aparenta ser uma peça inacabada, talvez o tambor de uma coluna. Nas construções pertencentes a esta quinta registaram-se inúmeros silhares de granito reaproveitados como material de construção, entre os quais duas soleiras, agora utilizadas como ombreiras numa das portas do curral. A servir de



*Fig. 4.— Base de coluna nas Mandanhas (nº 7)*



banco, junto a um dos anexos que acompanham o curral, encontrou-se uma base de coluna talhada em granito de grão médio, de traço simples e algo tosca, com plinto quadrado de 0,40 m de lado e toro e escócia circular. A coluna suportada por esta base teria 0,25 m de diâmetro (Fig. 4). Este sítio arqueológico, inédito, apresenta uma mancha de ocupação de 35 000 m<sup>2</sup>. Aproximadamente num raio de 3 km a sul e a oriente, surgem notícias de numerosos achados de época romana. Algumas peças de *terra sigillata*, moedas, vasos de vidro e uma inscrição a Júpiter Ótimo Máximo Protector (Garcia 1984: 8; Garcia 1991: 285; Vasconcelos 1913: 225) são atribuídas a uma antiga necrópole situada no Vale da Alagoa (Fig. 1, E4), que os nossos trabalhos de prospecção não lograram relocalizar. Essas mesmas fontes também atribuem achados semelhantes a um outro local não muito distante, situado em Val Vaqueiro (Fig. 1, E6), mas que tal como o anterior, talvez por se tratar de notícias de finais do séc. XIX, não são hoje facilmente localizáveis.

### Fontanhão

**Coord.:** Lat. 39° 57' 52" N; Long. 7° 18' 15" O; Alt. 346 m; (Fig. 1, nº 8).

**Tipologia:** Habitat.

**Descrição do sítio:** Numa área de aproximadamente 1000 m<sup>2</sup> identificaram-se numerosos fragmentos de cerâmica de construção romana. No local não existe qualquer evidência de estrutura, nem se lhe associa qualquer outro achado.

### Sebes

**Coord.:** Lat. 39° 58' 42" N; Long. 7° 18' 60" O; Alt. 280 m; (Fig. 1, E17 e E18).

**Tipologia:** *villa*?

**Descrição do sítio:** Nas imediações de um caminho de terra batida que conduz à Sebe junto de um actual anexo agrícola existe uma área de cerca 300 m<sup>2</sup> com grande concentração de fragmentos de material cerâmico de construção (tijolos, *tegulae*, *imbrices*) e alguma cerâmica comum, principalmente fragmentos de *dolia*. A oeste do caminho numa suave elevação de topo aplanado existem possíveis alinhamentos de uma estrutura. A escassos 200 m deste local encontramos, nas ruínas de um antigo anexo agrícola, um fragmento de ara, anepígrafa, reutilizada como material de construção. O monumento corresponde a um fragmento de ara em granito de grão médio, truncada na zona superior faltando-lhe o capitel. A base é composta por moldura simples, muito erodida, fuste liso e a área de apoio da base é grosseiramente alisado. Numa das faces existe um sulco profundo que sugere a sua anterior reutilização como elemento de construção. As suas dimensões são: 33 cm x 20 cm x 25 cm tendo a moldura da base uma espessura de 9 cm (Fig. 5). A 3 km a este deste sítio arqueológico, que poderá ser uma *villa* agrícola, situa-se a *villa* dos Barros (Fig. 2, E23) da qual se escavou parte da *pars urbana*, cuja planta de *peristylum* com corredores absidados e decoração dos pavimentos com sóbrios mosaicos geométricos e *triclinium* de inverno com *suspensurae*, remete para uma arquitectura ainda escassamente documentada neste marco geográfico<sup>4</sup> (Cabral e Carvalho 1996: 57-70).

### Barreiros 1, 2 e 3

**Coord.:** Lat. 40° 00' 46'' N; Long. 7° 14' 17'' O; Alt. 395 m; (Fig. 2, nº 10, 11 y 12).

**Tipologia:** Habitat.

**Descrição do sítio:** Provavelmente Barreiros 3 corresponderá ao ponto central deste conjunto. O sítio ocupa parte da meia encosta de um cabeço, sobre o qual existe uma pequena construção agrícola, construída em xisto. Para além de numerosa cerâmica de construção, que se concentra em elevado número a

4. As estruturas da *villa* dos Barros foram subterradas pelo Estado Português como medida de preservação, não se tendo efectuado mais intervenções arqueológicas que as publicadas num único artigo (Cabral e Carvalho 1996) felizmente detalhado e acompanhado da respectiva planta.



ocidente do caminho, foram também identificados fragmentos de cerâmica comum, um fragmento de ânfora, e na classe da cerâmica de construção, um tijolo de cunhas. Os 10.500 m<sup>2</sup> de dispersão de materiais sugerem a existência de um número significativo de construções mas estes dados são insuficientes para identificar, com alguma certeza, a que tipologia de edifício podemos associar tão expressiva evidência.

Nas suas imediações não registamos mais achados, mas devemos sublinhar que a norte deste local, aproximadamente a 1,5 km, está Proença-a-Velha na qual se concentra um importante número de achados arqueológicos (Fig. 2, E25, E26 y E27). Não muito distante, a norte de Proença, situa-se um sítio de relevante importância situado na Quinta da Granja e que pela sua localização, mais distante dos traçados estudados para este eixo rodoviário, não foi incluído neste inventário. Não entanto realizamos naquele momento trabalhos de prospecção e investigação documental que nos permitiram concluir tratar-se de um possível lugar central, de carácter rural, importante para compreender a dinâmica que norteou a ocupação deste território<sup>5</sup>.

### *Terra da Professora 1 e 2*

**Coord.:** Lat. 40° 00' 43'' N; Long. 007° 09' 16'' O; Alt. 315 m. (Fig. 2, nº 13 y 14).

**Tipologia:** Habitat.

**Descrição do sítio:** Sítio arqueológico com uma vasta área de dispersão de materiais, com aproximadamente 30.000 m<sup>2</sup>. À superfície são visíveis numerosos fragmentos de cerâmica de construção, com evidente predominância de *tegulae*, mas também de *dolia* e outro vasilhame. É provável que o habitat original se implantasse no terraço médio da encosta, área na qual foi possível encontrar fragmentos de um dormente de mó e de movente. A pouco mais de 100 m deste local surge uma outra área<sup>6</sup>, que deverá corresponder a um segundo habitat,

5. Sobre a Quinta da Granja temos preparado um artigo que em breve será publicado.

6. Terra da Professora 2 (Fig. 2, nº 14), Lat. 40° 00' 38'' N; Long. 7° 09' 08'' O; Alt. 306 m.

inédito, com uma área aproximada de dispersão de materiais de 4500 m<sup>2</sup>. Apesar da proximidade com o local anterior, a distribuição do material à superfície, bem como a localização topográfica deste núcleo, sugere que esta mancha de ocupação se poderá identificar com um habitat específico e diferente. A análise da fotografia de satélite permite visualizar alinhamentos agrícolas mais antigos que estarão certamente relacionados com a ocupação e organização destes campos em época imperial.

Ambos locais inserem-se num vasto conjunto de sítios, de natureza semelhante, satélites da *civitas* egitaniense e que no campo resultam em áreas de concentração de espólio cerâmico, sem estar associados a vestígios evidentes de construções. Provavelmente poderão corresponder à ténue memória de construções de apoio às actividades agro-pecuárias, arquitectura em materiais perecíveis que como sabemos, deixa escasso registo no terreno. O estudo destes locais e a forma como se geriu em época imperial a envolvente desta *civitas* poderia estar facilitada pela imutabilidade destes contextos rurais: nem uma densa ou expressiva ocupação humana, nem uma política de reflorestação ou exploração agrícola intensiva tiveram lugar nestes campos de Idanha.

**Bibliografia:** Baptista 1998: 72.

### *Queijeira da Terra Grande*

**Coord.:** Lat. 40° 00' 45" N; Long. 07° 08' 42" O; Alt. 374 m. (Fig. 2, nº 17)

**Tipologia:** Lagar.

**Descrição do sítio:** O sítio estende-se por uma vasta área que ocupa parte de um cabeço junto à estrada para o Carroqueiro. No terreno observa-se um elevado número de fragmentos de cerâmica de construção, cerâmica comum e alguns fragmentos de cerâmica de armazenamento. No local conserva-se também um



*Fig. 5. — Ara no local do achado, Sebes (nº 18)*



peso de lagar, alguns silhares esculpidos, que sugerem a existência de um antigo lagar. O sítio encontra-se associado a este caminho, actualmente alcatroado e utilizado como estrada alternativa para Monsanto, que vem sendo associado ao percurso de uma das vias romanas que saía de Idanha em direcção ao norte. Joaquim Baptista (Baptista 1998) identificou algumas estações arqueológicas nas imediações da que agora descrevemos, sem contudo encontrar alguma referência que se possa identificar com este sítio.

### *Serrinha 1 e 2*

**Coord.:** Lat. 40° 00' 48'' N; Long 07° 08' 29'' O; Alt. 399 m. (Fig. 2, nº 18 y 19).

**Tipologia:** Lagar.

**Descrição do sítio:** Ambos os locais foram publicados por Joaquim Baptista (Baptista 1998: 74) e inserem-se num vasto conjunto de lagares rupestres, alguns publicados, outros inéditos, que ocupam uma faixa bem delimitada entre os campos a norte de Idanha-a-Velha e a vertente sul do promontório de Monsanto. Ao primeiro destes locais associa-se uma área superior aos 30.000 m<sup>2</sup> de dispersão de espólio maioritariamente cerâmico, entre o qual é possível reconhecer fragmentos de cerâmica de construção, cerâmica comum, e abundantes fragmentos de *dollia*. No limite sul desta área conserva-se parte de um lagar que ocupou, pelo menos, dois espaços escavados no afloramento, de planta rectangular. O segundo local<sup>7</sup> (Fig. 2, nº 19) corresponde também a um lagar, de características muito semelhantes, e ao qual se associa uma área de aproximadamente 1000 m<sup>2</sup> na qual é possível identificar numerosos fragmentos de *tegulae*, tijolos e algum fragmento de bordo de um *dollium*. Para além deste segundo lagar, publicado também por Joaquim Baptista (Baptista 1998: 73) juntam-se outros de características semelhantes, como os situados em Barroca Furada (nº 20) Bigorna 1 e 2 (E53, E54) Funda (E55), Mina Velha (E56, E57), Lajes

7. Lat. 40° 00' 45''N; Long. 7° 08' 19'' O; Alt. 399 m.

(E59 e E61) e Bica (E60). Já mais próximo ao inselbergue de Monsanto inventariamos mais um lagar<sup>8</sup>, Afonseanes 2, inédito, ao qual se associam duas áreas com concentração de espólio cerâmico à superfície, e numa delas um silhar, almofadado, e um contrapeso de lagar que supomos pertenceram ao lagar (Afonseanes 3)<sup>9</sup>. A segunda área<sup>10</sup>, Afonseanes 4, talvez um habitat, estende-se por uma área de 3000 m<sup>2</sup> actualmente definida pelos limites de uma pequena propriedade agrícola.

8. Lat. 40° 01' 12" N; Long. 07° 06' 36" O; Alt. 443 m; (Fig. 2, nº 22).

9. Lat. 40° 01' 13" N; Long. 07° 06' 33" O; Alt. 448 m; (Fig. 2, nº 23).

10. Lat. 40° 01' 16" N; Long. 07° 06' 33" O; Alt. 454 m; (Fig. 2, nº 24).



*Fig. 6.— Peso de lagar, Afonseanes (nº 23)*



### *Convento 1 e 2*

**Coord.:** Lat. 40° 03' 17'' N; Long. 7° 06' 13'' O; Alt. 464 m; (Fig. 2, nº 25 y 26).

**Tipologia:** Habitat e lagar.

**Descrição do sítio:** Este sítio, inédito, localiza-se numa propriedade situada a sul da EN 239 na qual identificamos: um peso de lagar, uma coluna em granito, alguns silhares rusticados e um almofadado, todos eles reaproveitados como material de construção do muro limite da propriedade e uma área de aproximadamente 20.000 m<sup>2</sup> de dispersão de fragmentos cerâmicos, também eles de período romano, entre os quais um peso de tear. Junto a este local, que por força dos vestígios no terreno classificamos como habitat ainda que possa ser uma estrutura mais complexa, existia um antigo caminho, lajeado (Convento 2) de cronologia indeterminada, actualmente destruído pelas mais recentes obras de saneamento. Talvez este caminho se pudesse associar a um antigo percurso que pelo menos podemos recuar a período medieval e que desde aqui seguia pela Torre até ao Santuário de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Azenha (E74), atravessando a ribeira do Amial por uma pequena ponte (E71), de um só arco, que mesmo sendo de construção medieval, pode ser interpretada como a fossilização de um percurso romano.

### *Lodeiro do Dr. Castiço*

**Coord.:** Lat. 40° 03' 24'' N; Long. 07° 05' 22'' O; Alt. 449 m; (Fig. 3, nº 28).

**Tipologia:** Habitat.

**Descrição do sítio:** Num terraço formado pela Ribeira das Rasas encontram-se dispersos numa área de aproximadamente 6.000 m<sup>2</sup> atravessada pela EN 239, alguns fragmentos de cerâmica de construção romana. O local, inédito, situa-se

próximo a topónimos tão expressivos como Carro Quebrado, que poderá indiciar a localização de um antigo eixo viário. É de salientar que daqui até ao final do corredor estudado não se identificaram mais sítios arqueológicos, o que na verdade é um dado falacioso, pois apenas nos referimos a um pequeno corredor desenhado para nele se implantar um eixo rodoviário actual.



## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1988): *Roman Portugal*. Warminster.
- ALMEIDA, C.A.B. de, ANTUNES, J.V. e FARIA, P.B. (1999): “Lagares escavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola do Vale do Douro”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2 (2): 97-103.
- ASSUNÇÃO, A., ENCARNACAO, J.E. e GUERRA, A. (2009): “Duas aras votivas romanas em Alcains”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12 (2): 177-189.
- BANHA, C.D.S. (2006): *As ânforas romanas de Idanha-a-Velha: (Civitas Igaeditanorum)*, (Texto inédito). Lisboa.
- BAPTISTA, J. (1998): *Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha*. Idanha a Velha.
- CABRAL, M.C. e CARVALHO, R. (1996): “A villa romana dos Barros - Oledo. Primeira notícia”. *Materiais* 0 (2): 57-70.
- GARCIA, J. M. (1984): *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco.
- GARCIA, J. M. (1991): *Religiões antigas de Portugal: aditamentos e observações à Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos: fontes epigráficas*. Lisboa.
- GIL, J. (1987): “La oleicultura romana en el campo Narbonense”. *Cuadernos de grado medio. Estudio e investigación* 3: 78-83.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C., CHAMBINO, M. y CAMISÃO, V. (2008): “Cartografia arqueológica da freguesia de Monsanto (Idanha-a-Nova)”. *Açaфа Online* 1.
- RODRIGUEZ, J.C., CARVALHO, C.N. de y GERALDES, J. (2008): “Património geológico de Salvaterra do Extremo”. *Açaфа Online* 1.
- ROQUE, S. (1975): *Alcains e a sua história*. Castelo Branco.
- SALVADO, P. (1980): “Marcas de oleiro em tégulas romanas da estação arqueológica do triângulo Mércules, Sant’Ana, S. Martinho”. *Estudos de Castelo Branco (Nova Série)* 6: 126-131.

- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. e PÉREZ GARCÍA, L.C. (2005): “Minería romana de oro en las cuencas de los rios Erges/ Erjas y Bazágueda (Lusitânia): la zona minera Penamacor Meimoa”. *Lusitanos e romanos no Nordeste da Lusitânia. Actas das 2ª Jornadas de Património*. Guarda: 267-308.
- TENTE, C. (2007) “Lagares, lagaretas ou lagariças rupestres da vertente noroeste da Serra da Estrela”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10 (1): 345-366.



### Apêndice 1. Sítios arqueológicos situados no interior dos corredores das soluções de traçado

Nº	Topónimo	Tipologia	Cronologia	Coordenadas
1	Cabeça Pelada 1	Povoado	Neo-Calcolítico	
2	Cabeça Pelada 2	Mancha de ocupação	Romano	Lat. 39° 57' 00'' N / Long. 7° 27' 32'' W
3	São Domingos	Capela	Séc. XVII	
4	Fonte das Freiras	Fontanário	Moderno	
5	Quinta do Senhor Barão	Fonte	Medieval/ Moderna <sup>1</sup>	
6	Quinta das Mandanhas 1	Mancha de ocupação	Romano <sup>1</sup>	Lat. 39° 57' 34'' N / Long. 7° 22' 13'' W
7	Quinta das Mandanhas 2	Villa	Romano <sup>1</sup>	Lat. 39° 57' 35'' N / Long. 7° 22' 08'' W
8	Fontanhão	Habitat	Romano <sup>1</sup>	Lat. 39° 57' 52'' N / Long. 7° 18' 15'' W
9	Fonte da Assamaia	Fontanário	Medieval <sup>1</sup>	
10	Barreiros 1	Mancha de ocupação	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 00' 41'' N / Long. 7° 14' 33'' W
11	Barreiros 2	Mancha de ocupação	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 00' 46'' N / Long. 7° 14' 35'' W
12	Barreiros 3	Mancha de ocupação	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 00' 46'' N / Long. 7° 14' 17'' W
13	Terra da Professora 1	Mancha de ocupação	Romano	Lat. 40° 00' 43'' N / Long. 7° 09' 16'' W
14	Terra da Professora 2	Mancha de ocupação	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 00' 38'' N / Long. 7° 09' 08'' W
15	Queijeira da Terra Grande 1	Achado isolado	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 00' 34'' N / Long. 7° 08' 49'' W
16	Queijeira da Terra Grande 2	Achado isolado	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 00' 37'' N / Long. 7° 08' 49'' W
17	Queijeira da Terra Grande 3	Lagar	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 00' 45'' N / Long. 7° 08' 42'' W
18	Serrinha 1	Lagar	Romano	Lat. 40° 00' 48'' N / Long. 7° 08' 29'' W
19	Serrinha 2	Lagar	Romano	Lat. 40° 00' 45'' N / Long. 7° 08' 19'' W
20	Barroca Furada	Lagar	Romano	Lat. 40° 00' 43'' N / Long. 7° 08' 04'' W
21	Afonseanes 1	Marco	Séc. XVIII <sup>1</sup>	
22	Afonseanes 2	Lagar	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 01' 12'' N / Long. 7° 06' 36'' W
23	Afonseanes 3	Achado isolado	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 01' 13'' N / Long. 7° 06' 33'' W
24	Afonseanes 4	Mancha de ocupação	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 01' 16'' N / Long. 7° 06' 33'' W
25	Convento 1	Villa?	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 03' 17'' N / Long. 7° 06' 13'' W
26	Convento 2	Caminho lajeado	Romano? <sup>1</sup>	Lat. 40° 03' 18'' N / Long. 7° 06' 12'' W
27	Sidral	Lagar?	Romano? <sup>1</sup>	Lat. 40° 03' 21'' N / Long. 7° 06' 13'' W
28	Lodeiro do Dr. Castiço	Mancha de ocupação	Romano <sup>1</sup>	Lat. 40° 03' 24'' N / Long. 7° 05' 22'' W

<sup>1</sup> Inédita.

## Apêndice 2. Sítios de enquadramento situados na envolvente próxima dos corredores dos traçados propostos

Nº	Topónimo	Tipologia	Cronologia
E1	Tiracalça	Barragem	Romano (?)
E2	Grulha	Anta	Neo-Calcolítico
E3	Vale das Escusas	Vestígios de superfície	Medieval
E4	Vale da Alagoa	Necrópole	Romano <sup>2</sup>
E5	Antas	Anta	Neo-calcolítico <sup>2</sup>
E6	Val Vaqueiro	Necrópole	Romano <sup>1</sup>
E7	Lousa	Epigrafe	Romano
E8	Alcains	Vestígios de superfície	Neo-Calcolítico/Romano
E9	Alcains 2	Mamoa	Neo-Calcolítico <sup>2</sup>
E10	Alcains 3	Mamoa	Neo-Calcolítico <sup>2</sup>
E11	Picado	Mancha de ocupação	Bronze/ Ferro
E12	Uchas	Vestígios de superfície	Romano
E13	São Gens 1	Ponte	Medieval/ Moderna
E14	São Gens 2	Mancha de ocupação	Indeterminado
E15	São Gens 3	Mancha de ocupação	Bronze Final
E16	Caniça	Anta	Neo-calcolítico
E17	Sebes 1	Epigrafe	Romano <sup>3</sup>
E18	Sebes 2	Habitat	Romano <sup>3</sup>
E19	Quinta da Caniça 1	Ponte	Medieval
E20	Quinta da Caniça 2	Fontanário	Medieval <sup>3</sup>
E21	Oledo	Fontanário / Capela	Medieval <sup>3</sup>
E22	Vales	Fontanário	Medieval <sup>3</sup>
E23	Quinta dos Barros	Villa	Romano
E24	Barreiros	Anta	Neo-calcolítico <sup>2</sup>
E25	Muros	Calçada	Romano ? /Medieval <sup>3</sup>
E26	Proença-a-Velha 1	Vestígios diversos	Romano
E27	Proença-a-Velha	Castelo	Medieval
E28	Sítio dos Moinhos	Moinhos	Medieval
E29	Medelim	Vestígios diversos	Bronze/ Romano/Medieval



Nº	Topónimo	Tipologia	Cronologia
E30	Capela de Santiago	Epígrafe	Romano
E31	Tapada da Senhora	Mancha de ocupação	Romano
E32	Tapada da Senhora 2	Mancha de ocupação	Romano
E33	Chãos da Malhada	Habitat	Romano
E34	Cabeço de Santiago	Vestígios diversos	Bronze
E35	Anta Grande de Medelim	Anta	Neo-calcolítico
E36	Anta Pequena de Medelim	Anta	Neo-calcolítico
E37	Vale Cavalo	Mancha de ocupação	Romano <sup>1</sup>
E38	Vale Cavalo 2	Habitat	Romano <sup>1</sup>
E39	Torreão	Barragem	Romano
E40	Torreão 2	Mancha de ocupação	Romano
E41	Beiradas	Ponte	Medieval
E42	Beiradas 2	Forno	Romano
E43	Convento	Mancha de ocupação	Romano
E44	Chão do Forno Telheiro	Forno	Romano
E45	Cemitério	Estação de superfície	Paleolítico
E46	Terra da Nazaré	Mancha de ocupação	Romano
E47	Terra da Nazaré 2	Mancha de ocupação	Romano
E48	Horta da Serra	Cistas	Bronze
E49	Carrascal da Serrinha	Mina	Romano
E50	Olival da Entrada	Mancha de ocupação	Romano
E51	Idanha-a-Velha	Cidade	Romano/Medieval
E52	Maria de Campos	Mancha de ocupação	Romano
E53	Bigorna	Lagar	Romano/Medieval
E54	Bigorna 2	Lagar	Romano/Medieval
E55	Funda	Lagar	Romano/Medieval
E56	Mina Velha	Lagar	Romano/Medieval
E57	Mina Velha 2	Lagar	Romano/Medieval
E58	Vale da Portela	Marco Miliário	Romano
E59	Lagar das Lajes	Lagar	Romano/Medieval1

Nº	Topónimo	Tipologia	Cronologia
E60	Bica	Lagar	Romano/Medieval1
E61	Lagar das Lajes	Lagar	Romano/Medieval
E62	Chão do Touro	Achado isolado	Romano
E63	São Pedro de Vila a Corça	Capela	Medieval
E64	Monsanto	Castelo	Medieval
E65	Burrinho do Marques	Villa	Romano
E66	S. Lourenço	Villa	Romano
E67	Rochoso	Barragem	Romano
E68	Moreirinha	Povoado	Bronze
E69	Lapa da Moura	Insculturas	Indeterminado
E70	Geraldes	Chafariz	Séc. XVII
E71	Clérigos	Ponte	Romano/Medieval
E72	Clérigos 2	Via	Medieval
E73	Boixiais	Monumentos megalíticos	Neo-calcolítico
E74	Srª da Azenha	Capela / Necrópole	séc. XVI
E75	Corgos	Anta	Neo-calcolítico
E76	Quinta. do Penedo do Minhoto	Ara	Romano
E77	Penha Garcia	Vestígios diversos	Ferro/Romano/Medieval
E78	Vale Feitoso	Epigrafe	Romano
E79	Sapateira	Mamoia	Neo-calcolítico
E80	Matafome	Anta	Neo-calcolítico
E81	Pedras Ninhas	Povoado	Indeterminado
E82	Gorgolão	Vestígios diversos	Indeterminado <sup>4</sup>
E83	Monfortinho	Achado isolado	Paleolítico
E84	Castelo	Vestígios diversos	Indeterminado
E85	Cabeço da Pelada	Povoado	Medieval
E86	Bº do Valagoto	Achado isolado	Neo-calcolítico
E87	Fonte Santa	Vestígios diversos	Romano
E88	Vale de Santa Maria	Achado isolado	Indeterminado
E89	Cabeça Pelada	Vestígios diversos	Neo-calcolítico



Nº	Topónimo	Tipologia	Cronologia
E90	Tapada da Rata 2	Via	Medieval/Moderno
E91	Tapada da Rata 1	Lagar	Medieval/Moderno
E92	Cabeço das Pombas	Vestígios diversos	Neo-calcolítico
E93	São Gens 4	Mamoia	Neo-calcolítico
E94	Cachouça	Estrutura	Romano

<sup>1</sup>Localização aproximada. <sup>2</sup>Possivelmente destruída. <sup>3</sup>Inédita. <sup>4</sup>Não se confirmaram os vestígios descritos